ESPACIALIDADES SENSÍVEIS

interações entre design, comunicação e cidade

Contextualização axonométrica do desenho escolhido, em destaque, inserido na cidade.

Área de permanência à beira do rio, com a passarela elevada ao fundo.

Vista interna da horta urbana, espaço de compartilhamento de saberes

Vista de uma das ativações propostas, concebida para atrair pessoas ao uso da espacialidade.

Mapa de São Paulo com suas areas alagaveis sobreposto sob desenho do rio seguindo o que seria sua forma original.

O Espaço que Comunica

Do contexto urbano ao mobiliário, tudo comunica. Por sua forma, organização espacial e materialidade, a arquitetura revela funções, contextos e valores.

Diferente da linguagem verbal, seu discurso emerge da experiência sensível. Assim, ao redesenhar trajetos, ativar vazios e manipular luz, textura e ritmo, o projeto arquitetônico pode interromper gestos automáticos e despertar a atenção para experiências cotidianas frequentemente ignoradas. A arquitetura torna-se, assim, um instrumento de reflexão sobre a relação entre as pessoas e os ambientes que habitam.

A espacialidade refere-se à maneira como o espaço se comunica e se torna perceptível por meio das experiências que suscita. Mais do que forma física, constitui um conjunto de experiências significativas capaz de transmitir sentidos.

O espaço deixa de ser apenas suporte funcional para tornar-se fenômeno experiencial, mediado pela percepção, comunicação e interação humana. A espacialidade manifesta-se na forma como os indivíduos percebem, interpretam e atribuem significado aos ambientes que percorrem.

Ela não está contida apenas nos elementos físicos, mas emerge das relações entre corpo, memória, contexto e experiência. Assim, um mesmo espaço pode produzir diferentes leituras, tornando-se um campo dinâmico de comunicação e construção de sentidos.

Nesse contexto, a espacialidade configura um campo ativo de relações capaz de transformar o ordinário em experiência.

Inseridos na cidade, os projetos arquitetônicos podem ressignificar a rotina por meio de intervenções sutis que ampliam a complexidade da vida cotidiana, estimulam novas leituras do espaço e convidam o corpo a reconhecer e reinterpretar o ambiente. Cada intervenção carrega a potência de interromper padrões repetitivos e criar momentos de presença.

Como desdobramento dessa reflexão, propõe-se um experimento urbano que busca materializar uma espacialidade sensível por meio de uma lente crítica sobre a cidade.

O projeto pretende estabelecer conexões entre comunicação, materialidade e memória, resgatando significados esquecidos e ativando o repertório dos usuários.

Seu propósito é explorar novas relações de sentido e testar possibilidades para um território problematizado, compreendendo o próprio processo de experimentação como parte fundamental do projeto.

Água, Memória e Território

Entre os diversos elementos capazes de produzir espacialidades significativas, a água ocupa papel singular. Além de estruturar territórios e paisagens, ela comunica memórias, conflitos e transformações, tornando-se um importante mediador entre cidade, experiência e significado.

A água é, simultaneamente, condição de vida e força de transformação do território, tendo historicamente estruturado assentamentos humanos, definido paisagens e orientado práticas cotidianas.

Com a urbanização moderna, passou a ser tratada como algo a ser contido ou ocultado, produzindo cidades afastadas de seus sistemas naturais e instabilidades ambientais que hoje se manifestam em enchentes, alagamentos e na perda da relação sensível entre habitantes e paisagem hídrica.

No contexto da emergência climática, repensar essa relação torna-se indispensável, reconhecendo a água como aliada em sua dimensão simbólica e comunicativa, capaz de revelar memórias territoriais, denunciar falhas de planejamento e apontar possibilidades de adaptação e resiliência. O Rio Pinheiros constitui um caso emblemático desse debate.

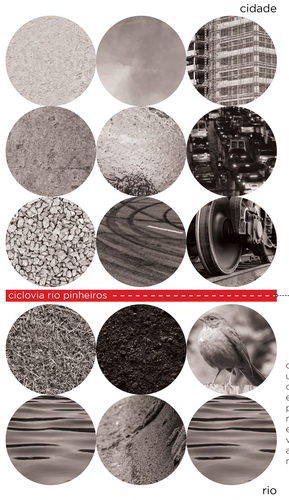
No passado, o Rio Pinheiros integrava a paisagem natural e social de São Paulo, configurando um espaço de convívio cotidiano entre água, território e população. Esse cenário começou a se transformar a partir das décadas de 1920-30, quando intervenções promovidas pela Light alteraram seu curso natural, promoveram desapropriações nas várzeas e subordinaram o rio à lógica da geração de energia e controle hidráulico (IPT, 2013).

O que antes era entendido como obstáculo natural converteu-se em suporte para a expansão urbana, resultando na retificação do leito e na consolidação de novas infraestruturas viárias e imobiliárias. Esse processo afastou progressivamente o rio da vida cotidiana, silenciando sua presença e reduzindo-o a uma infraestrutura sanitária.

A persistência dos alagamentos revela, contudo, que o traçado original do rio permanece inscrito no território, aflorando sempre que as chuvas expõem a antiga geografia das águas (IPT, 2013). Entre torres corporativas, infraestruturas de mobilidade e vazios urbanos, o Pinheiros apresenta hoje uma paisagem fragmentada, marcada pela tensão entre controle técnico e natureza residual.

É nesse contexto que o experimento-projeto proposto se insere, visando um gesto de reconciliação entre cidade e rio, memória e futuro, por meio da criação de espaços que devolvam à experiência urbana um tempo mais lento, atento e comunicativo.

Moodboard de sensações



ciclovia como um elemento de disrupção entre as percepções mais citadinas e aquelas vinculadas ao ambiente natural.

Conceito

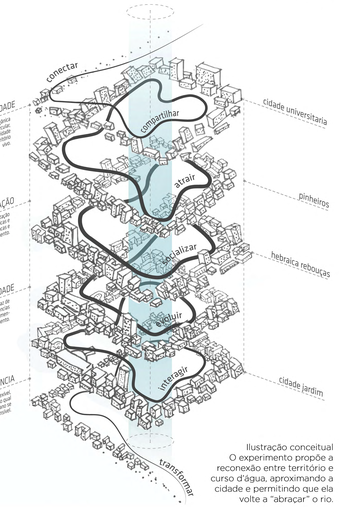


Ilustração conceitual
O experimento propõe a reconexão entre território e curso d'água, aproximando a cidade e permitindo que ela volte a "abraçar" o rio.

PREMIAÇÃO CAU/SP

Prêmio de TCC e de Boas Práticas em Arquitetura e Urbanismo

Modalidade TCC

promoção
CAU/SP
Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

organização
instituto de arquitetos do brasil